

QUINTA-FEIRA
Lisboa--7 de Março--1929

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **146**



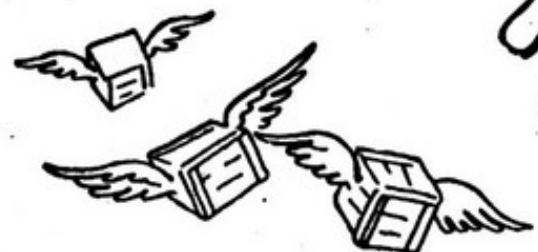
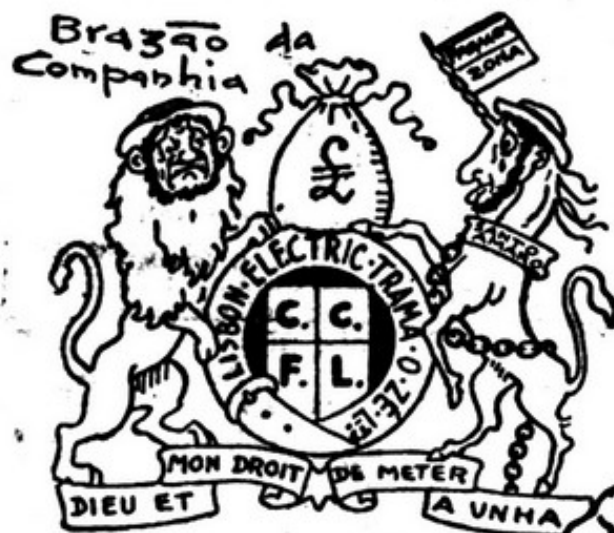
fiRe *semanário humorístico*

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Os pés da cidade nas mãos da Carris



John Baptista Bull Coelho : - «Carros do povo»? Não pensem nisso. A Carris, tendo agulhas, carros e linhas, bem sabe as linhas com que se cose.. ao monopollio. Além disso com a mudança de agulhas, ficou sem 700 contos para os seus alfinetes. «Carros do povo»? O' shocking!



Os ditos da semana



Vender gente Dum jornal de S. Paulo recorramos o seguinte anúncio:

Srs. Dentistas

Antigo profissional que clinica ha muitos anos nesta capital e retira-se agora para o Rio de Janeiro, vende seu gabinete, passa a casa, clinica, etc., deixa tambem o nome. Negocio de ocasião e sério. Escrever para Dentista. Caixa postal, 1884 — São Paulo.

Naturalmente, clinicando, fez fortuna e retira-se, abandonando a antiga arte, vendendo o gabinete, a casa, os clientes e o seu proprio nome.

Larga tudo como uma cobra que muda de pele.

No velho mundo causa certo espanto que um dentista venda, juntamente com o seu boticão de arrancar dentes, os pacientes freguezes que lhe entregavam os queixaes para que ele os puzesse de raiz ao sol.

Cá pela Europa têm aparecido, uma vez por outra, uns figurões que nos vendem as propriedades como se fossem suas, mas nunca chegaram á perfeição de nos venderem a nós proprios. Para honra da classe, esses figurões não têm saído do prestimoso gremio dos *saca-moelas* nacionais. E ainda bem que assim é, porque deve ser muito mais doloroso arrancar-nos a propriedade do proprio cadaver do que arrancar um dente do sizo de raizes torcidas como as pernas dum contador de pau santo.

Senhores dentistas portugueses habilitem-se. Pode ser que entre a clientela venha alguma herdeira rica.

A festa da Flôr

Mais uma vez saíram á rua ranchadas de meninas, de açafate a tiracolo, com um sorriso nos labios e uma flôr na mão.

Mais uma vez a população



— Sabes onde está o frasco da gôma que estava na minha mesa?

— Assustas-me, Tê-la-ha bebido o Chico?

— Não te apoquentes, mulher; se foi o Chico que a bebeu, está bem.

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

alfacinha teve o delicioso encantamento de se ver asediada por gentis raparigas que á viva força lhe queriam florir a botoeira.

Mais uma vez os homens se viram perseguidos pelas mulheres, para o bom fim, que melhor não podia ser — o de fazer o bem a troco duns escudos por uma flôr de papel, que outro valor não tem senão o de vir dumas mãos encantadoras, acompanhada dum sorriso fascinador.

Mais uma vez deliramos, todos nós, de vivo prazer, ao vê-nos tão acarinhados pela mocidade femenina, e nos babamos de intima alegria pela oportunidade que se nos offerecia de depôr a nossa modesta esportula no regaço dos pobres. A nossa satisfação era tão grande, tão expontanea, tão sincera, como a daquele

bom homem que foi fazer uma visita de pezames a uma consternada viuva que lhe soltou em cima uma ninhada de cinco engraçadissimas creanças traquinas, cuja unica preocupação foi, emquanto a confrangida mãe chorava o defunto, trepar-lhe até os gorgomilhos, partir-lhe os oculos, puchar-lhe os bigodes e meter-lhe os dedos pelo nariz, numa tão alacre confraternisação que o obrigavam a exclamar de momento a momento:

— Mas que encantadoras creanças, que engraçadissimas creanças, que simpaticas creanças.

Emfim, a sexta-feira passada, foi um dia de alegria na cidade. E' sempre tão agradável vêr mulheres bonitas na rua... muitas mulheres, muitissimas mulheres. As mulhe-

res nunca são de mais. As flores ás vezes é que são.

Já tivemos a «festa da flôr», a «festa da violeta» a «festa das rosas» e enquanto se não acabarem todas as especies botanicas não acabam as festas da flôr que todas são, no fundo, a festa do crava.

Inesgotavel Amanulâ marcha, neste momento, sobre Kabul. Amanhã sairá novamente de Kabul, abdicando pela segunda vez em qualquer parente, descendente ou amigo. Vae em busca de um trono que abandonou. Desta vez é que Amanulâ bate Habibulâ e seu filho Olâ e chega lá. Olâ!

Borracha-metal O dinamarquez Frederico Frederiksen, descobriu um novo corpo a que deu o nome de *borracha-metal*, que gosa do extranho privilegio de não se deixar atravessar nem por uma bala de canhão.

Se não mente o telegrama que nos traz a famosa noticia, acabou-se a guerra e temos de remeter Kellog á sua insignificancia, para levantar nos escudos o dinamarquez Frederico Frederiksen. No dia em que todo o material de guerra fôr construido de *borracha-metal*, esse proprio material será inutil e a guerra impossivel.

E' bem uma descoberta digna do seculo. Mas que trabalho, que presistencia, que tenacidade não foram necesarios para descobrir tamanha maravilha. Só um homem como Frederico Frederiksen seria susceptivel de tanta paciencia, tentando, tentando, persistindo, insistindo, etc., encontrar a solução do problema. Só ele que, não se contentando de ser Frederico, insiste em ser Frederico Frediksen. Já é insistencia.



— Em Palencia registaram-se este ano temperaturas de 12 e 15 graus abaixo de zero.

— Ora, bem se importam eles... Ha uns poucos de seculos que têm lá fabrica de cobertores.

JOAO ROSA



Um novo Geraldo Sem Pavor na carinhosa e incessante propaganda das reliquias de Evora — a sua bem amada, o breviario por onde Rosa reza —. Depois da monumental *Iconografia Artistica Eborense*, João Rosa trata, com erudição e sem prosáplias, dos *Presépios de Evora*. Nunca os imaginarios e barristas imaginaram ter assim uma barra a enaltecer-lhes os barros!

FUME **SUNRIPE**

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

NACIONALISEMOS o teatro — é o que dizem os que se interessam pelas coisas teatrais e foi o *mot d'ordre* no celebre almoço dramático de Janeiro...

De então para cá, nunca se representou tanta peça estrangeira nem apareceu tanto artista estrangeiro á frente das companhias portuguesas...

Ora vejamos:
O T. M. V. foi arrendado por um cubano!

O T. V. tem na sua direcção artistica um francês!

O T. da T. vai ter no cartaz uma mexicana!

Com respeito ás obras de teatro, é o que todos sabem. Só appareceu um original — o da A. A. Os dramaturgos nacionais tem-se apresentado como tradutores e adaptadores.

Até o R. C. e o C. R. se estrearam nas lides modestas dos tradutores. Também os criticos arrumaram-lhes umas piadinhas de algebeira — como só eles sabem fazer. Assim, o A. de A., no S..., disse:

«A tradução é de dois aplaudidos escritores teatraes: R. C. e C. R. Não se torna difficil destrinçar a parte de cada um. Um reparo nos permitimos fazer: nas comédias francesas, apenas traduzidas, e em que os nomes das personagens se conservam os mesmos, ha toda a vantagem em não adoptar tratamentos muito nossos, inclusivamente no abuso do seu emprego. Tal é o de «vossa excellencia». Uma boa duzia delas. E ha, tambem, um «vossa senhoria». Tolerá-se, e com razão, o «você», mas a «excellencia», em França e entre gente franceza, dá-se a muitissimo poucas pessoas.»

Ora toma, R. C., para te consolares! Aprender até morrer!

O A. F., no D. de N., tambem lhe não fica alraz. Alfineta um pouco. Na critica do «Topaze» lia-se:

«A tradução, onde transparece o belo espirito de C. R. e a admiravel facilidade de R. C., não me agradou completamente. R. C. e C. R. esqueceram-se que estavam a traduzir e puzeram-se a adaptar... Ausencia de espirito francês e excesso de espirito português... Um grande barulho de «latas» que abafou algumas vezes a voz de Pagnol, a voz do autor...»

Não foi só *latas*... foi tambem *tiros*... e tão grandes... que mesmo os leigos deram pela abundancia...

Não se pode dizer que a estreia dos consagrados dramaturgos como tradutores, foi auspiciosa...

CONTINUAMOS com tudo ás avessas...

Agora é a I.S. — incontestavelmente, a nossa primeira Ingenua dramatica, a Rosa Damasceno da actual geração, como já lhe chamaram — que vai para a revista...

Já a E. L. está no T. A. a fazer o dramalhão, as peças fortes, quando ela é, justamente, o contrario, uma actriz estilizada, uma artista moderna!

Quando entrará tudo nos eixos? E' tempo de arripiar camião!

NO Porto, pediram muito ao A. da C. para não abandonar o teatro e para não ir trabalhar para a Alemanha, em cinema.

— Não vá! — dizia o publico.
— Não vá! — dizia o Edurisa.
— Não nos deixel! — dizia o actor R. L. no discurso que leu na noite da festa.

— Pois bem, não vou! — disse o A. da C., fechando a serie de pedidos... E não foi... foi para Santarem...



A apresentação do «Nascimento» do menino ao povo que deve encher, na sexta-feira, não o Avenida, mas a Avenida...

Naquella linda cidade, o A. da C., abordado por um jornalista local sobre o destino que ia dar ao talento, afirmou:

— Ufa! Já não sei o que hei de fazer! Ufa, não vou para a Ufa, podem estar socegados!

QUE *batoque* de tarefa levou o *Batoque* do F. B.! Ninguém escapou. O «D. de N.» fecha a critica, dizendo que o *Batoque* se mostrou digno descendente de *O domador de sogras*. Diz ainda o mesmo jornal que faz votos pela continuação da dinastia e que não vê razão para que se contrarie o publico no seu innocente prazer...

Afirmam-me que na peça se traduziu *soutien-gorge* por *ampara-setos*.

Tudo é possível... menos *amparar* aqueles *setos* das duas familias, que se juntaram para fazer arte e para formar um bom conjunto...

O A. F., critico, jornalista e dramaturgo, escreveu do actor A. P. — uma das grandes esperanças da geração dramatica — o seguinte:

«O critico possui o direito de se vangloriar das suas profecias e eu não resisto á infantil tentação de afirmar que fui, possivelmente, um dos primeiros — senão o primeiro — que reparei no orador de «Topaze»... Ainda ele não pensava em dedicar-se á profissão e já eu escrevia sobre o seu talento, a proposito duma festa de caridade, as seguintes palavras: «Assis Pacheco, no «Frei Paraizo», digo-o com a maior sinceridade, representou, por vezes, como um grande actor, como um

actor feito e experimentado. Quem representa assim não possui o direito de limitar a sua arte a recitas de amadores». Pouco depois convidava-o para fazer parte do elenco do Teatro Novo, mas Assis Pacheco, nessa altura, ainda não tinha resolvido obedecer ao seu temperamento. Quando se decidiu, encontrou sempre em mim um critico imparcial, sereno, mas que nunca o deixou ficar na sombra. As palmas que o consagraram, ante-ontem, como a mais bela figura desta geração de artistas, deram-me razão e comoveram-me.»

Faz-me lembrar aquella cantiga:

O Assis é meu
Não o dou a mais ninguém...

NAO sabemos quem escreve sobre teatro no jornal de modas *A Voga*. Seja quem for — é creatura que sabe o que diz e sabe o que escreve. Vem, muitas vezes, ao encontro do pensamento da maioria do publico. Por sentirmos isso, transcrevemos esta local do ultimo numero:

«A peça *Domador de Sogras* e, já de si, uma coisa impropria dum palco, pelo desconchavo e pela situação que cria aos artistas illustres que a representam, por mal dos seus pecados. Pois no Carnaval surgiu a «formosa» produção com *coplas novas* e em *travesti*. E vimos A., a da *Rosa Engatada* e do *Lodo*, a do *Grande Amor* e *A Garota*, a M. M., da *Intimiga*, *Sombra* e *Senhor Roubado*, o C. S., de *Pedro o Cru*, professor do Conservatorio, etc., etc., elas de calças e elles de saias, numa palhaçada inconcebível, ja

ra gaudio dum publico inconsciente e sem respeito por coisa nenhuma e para regalo da bolsa de algum empresario ganancioso. E isto não se admite. A necessidade de ganhar a vida é grande, mas a propria Inspeção Geral dos Teatros fará bem se, para a outra vez, impedir que os endinheirados empresarios aumentem o peculio á custa do decôro e do amor proprio dos artistas respeitaveis que trabalham nos nossos palcos. Porque não ter substituído a farça indecorosa por um intermedio comico pelos proprios capitalistas e gerentes da Empresa?»

Nunca as mãos lhe dômam, caro colega, quando escrever assim. Os empresarios e os artistas seguíam outro rumo se houvesse no jornalismo cinco ou seis penas como a do articulista de *A Voga*...

Mas, infelizmente, esses cinco ou seis estão ainda por nascer...

A VERDADE toda nua parece que afinal é mentira e toda vestida! Descobriu-se a origem — e como era o maestro A. G. e os revisteiros A. B. e V. L. a querelem-na, ahí temos: «Três contra um» — ou seja o titulo da peça.

E é esta a verdade toda nua!

O T. do G. annunciou, para depois do Carnaval, a peça «R. U. R.» e mandou colcar pelas paredes o seguinte cartaz:

R. U. R.

Um *blagueur*, dos muitos que por ahí andam, disse, ao saber que o T. do G. tinha fechado:

— Eu logo vi. Vocês já repararam nos cartazes que estão pelas paredes? Deram azar á pobre I. S. Aquellas tarjas negras e no meio as letras R. I. P. indicavam já o destino da companhia... Só lhe faltava o *Falleceu* por baixo...

E o *blagueur*, ao mesmo tempo que dizia estas palavras, desenhava na mesa do café:

R. I. P.

Hão de concordar que tem realmente graça... e não ofende!

CONTINUAM os zuns-zuns sobre o concurso e sobre os concorrentes ao T. N. Diz-se: que se abre concurso e diz-se que não!... Diz-se que ha concorrentes e diz-se que não!...

Julgamos ser tudo boato... pois que de positivo nada ha... Da Casa de Garrett, ou se trata a sério ou segue o que está... Com panos quentes não se pode curar a doença daquele pobre Gil Vicente, que ha anos a esta parte está á chuva e ao vento...

Que fim terá aquele casarão do Rossio? Quartel, cinema, armazem por grosso, club ou voltará a funcionar como teatro?

Tenhamos esperança no futuro... e no futuro do teatro declamado! A voz ainda ha de suplantar a arte... muda! O seu tempo ha de chegar outra vez. E' questão de saber esperar com paciencia...

O Homem das 5 horas

— **COMP. SUNRIPE**

Aprimorados Fados só no Solar d'Alegria.

BOM HUMOR

— Porque razão o senhor mandou ensinar grego á sua filha? Não serve para nada!
— Não é tanto assim! Faz menos barulho com o piano...

* * *

Num hotel da Suíça:
— Que prazer em o encontrar aqui, sr. doutor! Faz patinagem?
— Não tenho tempo! Tenho muitos doentes com as pernas fracturadas para tratar...

* * *

O agente de seguros:
— Depressa, meu amigo. Assine esta apolice de seguro de vida.
— Meu eu não quero!
— Não diga isso! Acaba de amachucar o chapéu dum campeão de box...

* * *

O amigo: — Teve algum acidente de automovel?
O doente: — Não! Lembra-se daquele peão que ha quinze dias atropelou?
— Perfeitamente!
— Pois ontem — encontrou-me!

* * *

A patrão: — Quebrou-se alguma coisa na cozinha?
A criada: — Sim, minha senhora. Quebrei a minha palavra de casamento com o leiteiro...

* * *

O medico: — Só vejo uma solução: amputar-lhe o braço!
O doente: — E' pena, sr. doutor. Ainda ontem comprei um par de luvas...

* * *

— Sr. doutor! A sua conta parece-me um pouco elevada!
O medico: — Salvei-lhe a vida! O senhor deve saber como ela agora está cara...

* * *

Entre amigos:
— Queres que te empreste vinte mil réis e ainda não me pagaste os dez mil réis que o mês passado te emprestei...
— Vamos, homem! Não tens vergonha de te lembrares dessa insignificancia...



— Que andas a fazer, Lili?
— Ando a apanhar beijos de princesa...
— Apanha bastantes... fez um grande ramalhete para pôres no teu quarto.

Sortes grandest
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

Boa assistência só no
Solar d'Alegria.

Uma situação complicada

Naquella manhã, o Ariosto levantara-se preocupadíssimo. Os negocios não corriam á mercê dos seus desejos e, por mais que tentasse solucionar o problema da sua vida, cada dia ele lhe apparecia mais complicado, mais nebuloso.

Todavia, fôsse embora um homem pratico, os negocios da loja preocupavam-no muito menos que os negocios da sua vida intima, da vida da sua casa que ele, á custa do sacrificio da freguesia, alindara o melhor que soubera.

Bastas vezes, apesar do amor pela filha e pela virtuosa cara metade, cuja metade da cara mimoseara algumas vezes já com beijos da mão direita, beijos repenicados com acompanhamento de *amabilissimas* frases — bastas vezes o Ariosto pensara em suicidar-se.

A vida era para ele um fardo insupportavel, melhor, um fado tão insupportavel como alguns que a gente tem de ouvir, nos teatros de revista, por certas cantadeiras.

Os amigos, os conhecidos e até os que não conhecia admiravam-se da serenidade que ele aparentava na rua, quando a verdade é que toda a gente sabia que, quer os negocios da loja, quer os da sua casa particular, corriam o que se chama relativamente mal.

Comtudo, o Ariosto pensava na vida, pensava a fundo, e muito lá no fundo sentia ganas de matar-se. Mas... faltava-lhe a coragem.

... A filha era uma rapariga elegante, gentilissima. Uma rapariga, como

soe dizer-se, um bom pedaço de mulher, daquelas mulheres que apetece tomar todos os dias, aos bocadinhos.

Pois o Ariosto levantara-se preocupadissimo naquela manhã. Tomou o pequeno almoço e resolveu dirigir-se a casa do seu melhor amigo — o José Saraiva, que em tempos tivera com ele grandes negocios.

O Saraiva estranhou, é certo, a visita. Recebeu-o, comtudo, com o melhor dos sorrisos. Ariosto contou-lhe as suas maguas. Os negocios corriam mal, mas isso preocupava-o menos, era para ele na apparencia menos grave, que o facto da sua filha não casar. «Assim—dizia o Ariosto—nunca ela poderá ter filhos... nem netos...»

— Já vês — continuou — se ella esciona solteira...

— Ora deixa-te disso — retorquiu o Saraiva.

— Então não achas que eu tenho razão... A rapariga, se fica solteira, nunca mais tem filhos...

— Ora deixa-te disso... Também eu tenho duas filhas e a casada ainda não me deu um rebento.

— E depois...
— Em compensação, a solteira já tem quatro...

— Ora! Ora! — diz o Ariosto. — A minha situação é muito mais grave, porque a minha filha tem dois pretendentes.

— Então porque não casa? E quem são eles?

— Um secretario de finanças e um medico...

— A bolsa ou a vida! Safa! Mata-te, homem! Mata-te!

Mesquita Guimarães



Um ministro da marinha á altura!

Riso amarelo

O rei Henrique IV de França, que era um grande caçador, encontrou, um dia que se tinha separado dos seus companheiros, um lenhador sentado ao pé duma arvore.

— Que fazes ahí? — perguntou o soberano.

— Espero vêr passar o rei — respondeu o lenhador.

— Se queres vir comigo, levat'ei a um sitio onde poderás vê-lo com facilidade.

— Aceitou o lenhador a proposta e começaram ambos andando ao tempo que combinavam a forma de reconhecer quem o lenhador pretendia vêr.

— Fixa-te — disse o monarca — qual é o que não tira o chapéu quando todos se descobrirem.

Henrique IV reuniu-se com o seu séquito e, ao vê-lo, todos se descobriram.

— Qual é o rei? — perguntou então o soberano.

— Ou sois vós... ou eu — respondeu o lenhador — porque somos os únicos que conservamos o chapéu na cabeça.

* * *

Quando a celebre cantora Adalina Patti passou por Constantinopla, em viagem de recreio, mandou o sultão Abdul-Hamid chamá-la para que cantasse na sua presença.

— Não estou em voz — nem me apetece cantar — respondeu a Patti.

— Saiba — disse um dos cortejos do sultão — que nada se pode fazer a Abdul-Hamid e que este a pode obrigar a cantar á força.

— Engana-se: o sultão poderá fazer-me chorar; mas cantar, isso não!

* * *

Numa ocasião em que o celebre novelista Wells realizava uma viagem pela Escocia, teve necessidade de utilizar varias especies de vehiculos, entre eles as antigas diligencias, que ainda ali fazem serviço.

Para melhor contemplar a paisagem, costumava Wells ocupar um dos lugares ao lado do cocheiro e entretinha-se conversando com este durante a viagem.

— Ontem — disse o condutor ao novelista — deram-me uma moeda das mais antigas do mundo, pois já tem mais de duzentos anos.

— Pois eu — respondeu o escritor — tenho uma coisa com mais de dois mil anos.

O cocheiro olhou-o de soslaio e não tornou a dirigir-lhe palavra durante a viagem.

Finda esta, e intrigado o escritor com o mutismo do cocheiro, perguntou-lhe se estava zangado.

— E' que eu não gosto que me tomem por tolo — respondeu. — Como pode uma moeda ter mais de dois mil anos se nós ainda não estamos em 1930?...



— Estou farta de te dizer que não quero que te vejam com esse rapaz...

— Não ha perigo! Sempre nos encontramos em sitios solitarios.

FUME **SUNRIPE**

Elevador da Gloria

Gonçalo Trancoso vinha pela primeira vez a Lisboa. Tudo o deambulava: os carros electricos que andavam sem bois, as senhoras que lhe piscavam o olho e os engraxadores, que resolviam lustrar-lhe as botas de cinco em cinco minutos. Duas vezes foi atropelado por um policia de transito, sem consequencias de maior. A' noite, depois de ter comido coisas em francês que ele não percebia, servidas por um senhor de *smoking*, resolveu, acompanhado de Tonio, ir ao teatro. Estava mesmo no Rossio, encandeado pelas luzes do Nacional. Seria aquele. Aproximou-se da bilheteria, mas um individuo que ele não conhecia meteu-lhe na mão dois bilhetes: eram duas gerais. Quando ia a entrar no teatro, contentissimo de não pagar nada, o individuo que lhe offera os bilhetes puxou-lhe pelo caco:

— Seu malandro! Ou paga ou vai para a esquadra.

Gonçalo Trancoso, surpreendido de ser tão maltratado por um cavalheiro que antes lhe dissera tão boas palavras, escolheu a primeira solução: — pagou.

Custou mas atinou com a geral. Consegiu um lugar na primeira fila e espreitou para baixo. A casa estava cheia. Senhoras em camisa e muitos senhores constipados, tocavam um saxofone estridente e ruidoso. Era uma grande noite, noite de *première*, cheia pelo *carnet mondain*. Iniciou-se a representação. Era uma peça forte, domesticada, Alves da Cunha autentico, que repuxava sobre a plateia em soluços, gemidos, ais e lagrimas... de crocodillo macho e femea.

Gonçalo Trancoso estava a zero. Os homens mascarados que estavam no palco falavam muito bem, mas ele não entendia nada.

— O' Tonio, eles falam latim, como o padre lá da aldeia?

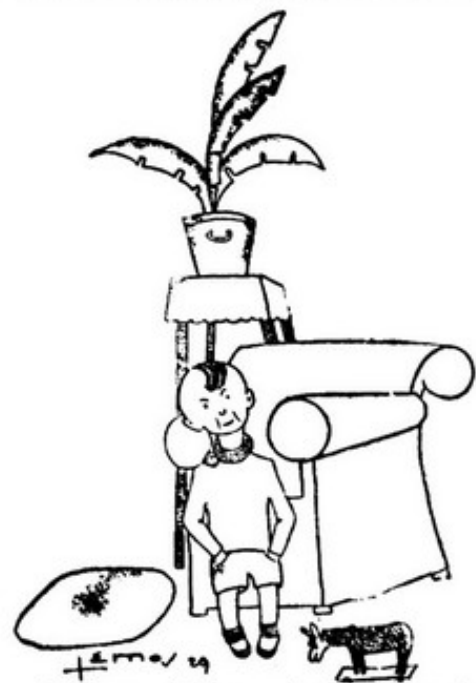
— Não sejas burro — ripostou-lhe o Tonio, indignado. — E' francês, traduzido.

— Desculpa, homem! São coisas que nem todos dão á lingua.

Segunda scena e terceira scena. A Berta desmaiara e o Alves da Cunha, fremente, mostrava uma faca de picar chouriços. Era a scena mais emocionante da peça. A *claque* preparava-se para aplaudir, quando o Gonçalo Trancoso, enfastiado e distraido, rompeu o silencio comovido da assistencia, gritando a plenos pulmões:

— O' Tonio! Estão sentados lá em baixo sessenta e quatro carecas!

Escusado será dizer que a peça teve morte instantanea.



O Tony — Todos os homens me fazem festa e me dão brinquedos. O que faz a mamã ser bonita.

Sortes grandes?
só o **PINA** as vende
75 -- Rua de S. Paulo -- 77

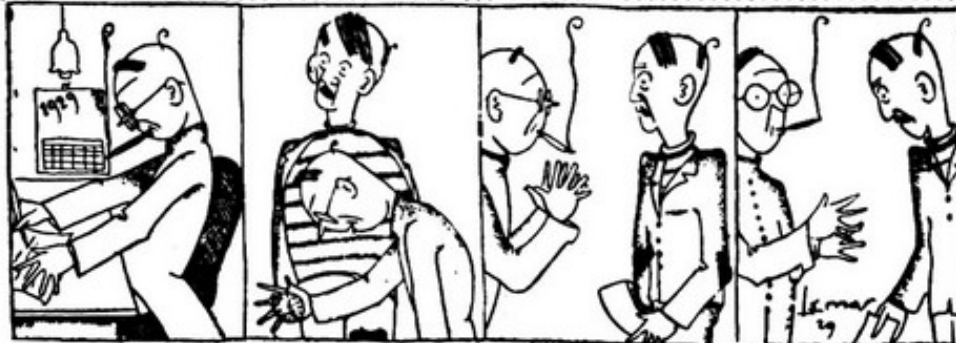
FUME SUNRIPE

Uma noite alegre só no
Solar d'Alegria.

NO CONTINENTE E ILHAS



Mario Tavares de Carvalho e Carlos Ribeiro Ermida
— os novos directores do Consorcio Bancario dos Açores



(1.º), Cada receita do dr. Pereira era um morto certo. (2.º), Um dia, o dr. depois de andar ás voltas com um doente fez-lhe uma receita e pediu-lhe 20\$ pela consulta. (3.º), O doente com a voz triste, disse-lhe: — Desculpe, sr. dr., mas hoje não posso pagar. (4.º), Então, diz o medico: — Deixe cá ver a receita para eu lhe passar outra.

Fitas d'après guerre...



O grande esforço... de se levantar ao meio dia!...

De relance..

Nas Portas de Santo Antão, porque em nós a graça abunda, subiu á scena o «Batoque», a peça dois da segunda série do «Conde-Barão»... Palavra! Não ha remoque: a peça é bem portuguesa. Foi o Bermudes que a fez com aquela correcção, graça, tino e ligeireza com que compôs umas três já feitas no alemão... Para dizer com franquesa, não sei se o «Batoque» pega. Não tenho bem a certeza... Apenas sei que acabou quando o Gil, fulo, chamou grande burro a um colega e que o Bermudes, contente, sem ninguém o reclamar, apareceu sorridente, aos pulinhos, a saltar, vindo á scena agradecer os aplausos que a plateia — toda, não, mas quasi meia — quiz dirigir aos actores e quem sabe, se aos autores...

* * *

No velho «Ritz» — agora «Palace Dancing» — ha dias, na melhor das companhias eu fui comer uma ceia das que levam uma hora, bem puxadinha, a comer e mesmo assim fica em meia. Vocelencias estão a ver: Eu e ela. Ela, bonita, palmo de cara gentil, um chapéu todo catita que á pobre moça emprestava um ar fresco, juvenil, que um vestido muito airoso, sobre o seu corpo formoso em muito mais aumentava. Eu, de cara mul picada das bexiguinhas maldosas, tomei-lhe as mãos graciosas e puz-me de *conversada*... Pois estava a gente a comer, e a certo rapaz amigo, cujo nome aqui não digo, ouviu a sala dizer: — «Bravo! Bravo! *Very well!*» (Mas isto em mau Inglês). — «O rapaz — diz ela — aquele, fala muito bem francês!»...

L. F.

As capas do "Sempre Fixe"



Só a capa 10\$00.
Capa e encadernação 15\$00.

Coleção completa de um ano, devidamente encadernada, 50\$00.

Podem, pois, ser requisitados os dois primeiros anos.

Para a provincia acresce o porte do correlo.

UM HOMEM

que pagou 27 contos para provar que tinha juízo

Parece incrível, mas é assim mesmo...

Não suponham os leitores que o caso que se descreve é uma *blague* ou uma história de almanaque.

O sr. M., homem de leis e possuidor duma respeitável fortuna, faz parte de varias empresas dinheiras e conhece como poucos os codigos e as chicanas dos tribunais. Ultimamente, tendo resolvido comprar todas as propriedades e quintas que lhe apareçam em boas condições de preço, appareceu-lhe uma boa quinta, que era um negocio da China. Combinou-se preço e resolveu-se fechar contrato.

Mas, a certa altura, o sr. M. reparou que a pessoa que vendia a quinta era um velho de sessenta e tantos anos e perguntou-lhe se ele tinha parentes.

— Sim, tenho alguns! Porque?

— Isso é o diabo... Eles ánnahã podem muito bem vir dizer que você não está no uso das suas faculdades mentais, anulam-lhe a escritura e eu fico sem o dinheiro e sem a quinta...

— Mas, sr. doutor, eu estou em meu juízo e quem manda no que me pertence sou eu!

— Absolutamente de acôrdo! Mas, compreende... eu sou homem de leis...

— Arrependeu-se de comprar a quinta?

— Nada disso! Gosto até muito dela. O que eu quero é fazer as coisas pelo seguro...

— Assim que se faça a escritura, a quinta fica sendo sua. Se desconfia de mim, só paga na ocasião em que ela se fizer...

— Perfeitamente! Mas amanhã podem os seus parentes alegar que você não estava no pleno uso das suas faculdades quando eu fiz o negocio.

— Pode lá ser uma coisa dessas, sr. doutor...

— Tudo é possível neste mundo! Mas ha uma maneira muito simples de se harmonizarem as coisas. Você vai consultar três psiquiatras e trãme os respectivos atestados em que se prove que o meu amigo está no pleno uso das suas faculdades mentais.

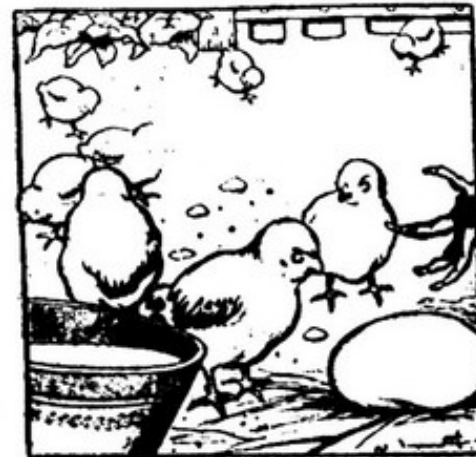
— Isso é que eu não faço; prefiro não vender a quinta.

O homem, porém, não conseguiu encontrar outro comprador que mais garantias lhe dêsse, e então voltou a procurar o sr. M. que não desistia dos atestados.

Não teve outro remedio o pobre homem senão ir procurar três psiquiatras para atestarem que ele se encontrava em seu juízo.

E aqui é que está o curioso do caso.

O primeiro medico especialista levou-lhe quinze mil escudos pelo trabalho; o segundo, sete mil, e o terceiro, cinco mil. Em resumo: Teve que esportular 27 contos para provar que não perdeu o juízo! — precisamente quando ele proprio demonstrou, pagando os 27 contos, que não tem juízo nenhum...



O pintainho admiraao: — Pareço que a mamã perdeu alguma coisa!...

Cear alegremente só no Solar d'Alegria.

FUMES SUNRIPE

Um inquerito do "Fixe" O telefone automático...

Teve o *Sempre Fixe* conhecimento de que, no passado Carnaval, bastantes senhoras, sob o anonimato das mascaras, foram satisfazer a sua curiosidade simbolizada nesta pergunta: «O que se fará nos clubs?»

Do que elas viram e ouviram e do que elas pensam a respeito da vida nocturna desses clubs, julgamos formar um interessante inquerito em que essas senhoras, pela discreção absoluta do nosso *reporter*, conservarão o anonimato e pelo qual as senhoras que não tiveram a satisfação dessa curiosidade ficarão inteiradas da vida especial desses antros.

Consultorio que é um *boudoir*. Aroma a essencias caras; estatuetas, quadros, revistas, moveis acolhedores. Meia luz discreta... quasi amorosa.

A senhora doutora X, maquiilhada e irradiando mocidade sábia pelo perfume dos seus cabelos cortados, pelo aroma que lhe sae do decote bastante panoramico, oferece um cigarro e de deliciosa perna, deliciosamente cruzada, vai desfiando as contas de madreperola do rosario dos seus dentes — contas que são sons argenteos (estilo antigo) ao ouvido ávido do *reporter*:

— Porque não, meu amigo? Que sofre a dignidade da mulher honesta em frequentar os clubs? Nada, absolutamente nada.

«O que se faz ali que não se possa fazer deante de gente? Nada, absolutamente nada.

«Come-se, bebe-se, dança-se, conversa-se, debica-se no proximo... como em nossa casas. A atmosfera não é mais pesada, as conversas não são mais escabrosas.

«As frequentadoras profissionais são canções da Goya postas em pratica, futuras clientes talvez; por isso mesmo, em vez de lhes querer mal, olham-as com piedade e com toda a humanidade que se compadece com a profissão da medicina.

«As senhoras poderão ir afoitas, pelo braço dos seus maridos, aos clubs. Nada perderão e, ao contrario, ga-

nharão, pois que assim evitarão contactos dos seus esposos com creaturas de saude suspeita.

«Uma das condições para a felicidade domestica é o bom estado sanitario do casal... Falo como medica, como vê.

«Quanto ao lado sentimental do caso, não me interessa porque não sou casada nem penso nisso... Eu basto-me a mim propria.

A senhora condessa de Z. está no salão D. João V. As cadeiras á volta da ampla quadra teem o ar de creanças de castigo encostadas á parede. Retratos hirtos de antepassados carancudos e antepassados de sorriso estatico. Cheira a rapé de gerações passadas e a murrão de vela de cera.

Beijamo-lhe a mão ossuda, acostumada a dar açoites a filhos e netos, e fazemos a pergunta.

Um frémito percorre o corpo ossudo da nossa entrevistada, frémito que se transmite á cadeira abrazonada e de duros espaldares de couro.

— Nunca consentiria em que as minhas filhas fossem a esses antros de perdição com os meus genros, nem eles teriam a ousadia de lhes propôr tais indecencias...

— III!

— Quanto a minhas noras... essas poderão fazer o que os seus maridos quiserem. Os meus filhos são do meu sangue. Teem cruzados na familia. A sua nobresa é um escudo contra o mal e a sua educação religiosa uma cruz alçada constantemente contra Belzebut. Se as minhas noras se perderem, não me importo porque elas não são do meu sangue, do sangue de Dom Payo de Arraiolos.

— Mas V. Ex.ª foi — atalhou a medo o *reporter*.

— Fui, fui e voltarei, porque a mim nada se pega já... nesta idade. (Suspiro fundo).

«Mas o que lhe garanto é que, acompanhada pelo meu defunto marido é que nunca lá poria os pés. Para aquelas casas, mais vale só que mal acompanhada.

Made in Espanha



O producto de maior successo na Exposição de Sevilha

Em Madrid, para se falar ao telefone, já não é preciso esperar que nos façam a ligação da Central, pois basta manejar um pequeno aparelho que funciona em nossa casa como qualquer utensilio domestico, tocando com a mesma facilidade com que pode tocar a campainha da porta no ultimo dia do mês, para nos pôrmos em comunicação com as cinco partes do mundo.

Em Lisboa vão iniciar-se tambem as instalações do novo telefone automatico, que vai passar a chamar-se *autofone* ou aparelho muito pratico para arrelhar uma casa de familia... Mais uma vez a civilização, imperiosa e mecanica, vai destruir uma velhissima tradição alfacinha. E tudo passa e se transforma a seu sabor nesta terra de *céo azul*, nesta deliciosa terra dos *electricos*.

Dentro em breve, já uma pessoa não se pode queixar de ter estado uma hora á espera que as meninas respondam. Pronto!... Chegou a civilização e estragou tudo!

E' menos um assunto para os jornais discutirem, é menos uma piada para as revistas do ano e é sobretudo um disparate sem nome!... Um telefone sem meninas é a mesma coisa que um electrico sem condutor que insulte a gente. E não ha memoria que um carro passasse da primeira zona sem dois ou três improperios dos excellentissimos empregados da Carris.

Sein telefonistas tambem não se podem admitir os telefones! E hão de concordar que é uma penal! As meninas eram, afinal, tão delicadas, tão amáveis, tão gentis e tão amigas de nos fazer as vontades que até se tinha telefone só pelo gosto de as ouvir. E depois, as telefonistas são sempre umas pessoas atenciosas que não respondem nem que o subscritor lhes fale com assucar pilé na voz!...

Que saudades eu vou ter daquelas meninas que carregam nos *trrrrés* e que, ao cabo de *trrrrés* horas de as termos esperado inutilmente — ainda perguntam, muito doces, se é *Norrrrite* ou *Trrrrindade*...

Vão acabar as meninas sem defeito na voz e com medida certa!...

Ah não! Eu não concordo com o novo sistema!...

O meu telefone, esse coitado, desgostoso com tudo isto, vestiu-se de luto e já não fala ha três dias...

Sete e Meio.



— Minha filha não se casa com um pobretão como você. Ha-de casar-se com um bom comerciante.

— Melhor comerciante do que eu? Olhe que já vendi um porco três vezes e ainda o tenho lá em casa!

Quereis dinheiro?

Jogal no

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!



O que se diz e o que se não deve dizer

A guerra do Norte contra o Sul

Na guerra civil do *foot-ball*, o Sul bateu o Norte por 4 a 1.

Da incruenta pelega pouco resultou. A preparação do onze nacional não passou de hipotese, dada a ausência de *tout le monde et son père*. A esperada confirmação dos altos meritos dum novo arbitro sobreceleste ficou adiada para melhores dias. E, quanto a jogo, salvos os *backs* e o virtuoso Vitor Silva — o vento fartou-se de jogar...

Na exposição de Sevilha apresentaremos talvez, a par de outros interessantes produtos nacionais — a industria de cabazes...

O juiz do encontro, tão elogiado pelo seu trabalho no *match* Belenenses-Bemfica, foi bastante *malmené* pelos criticos, na segunda-feira passada.

Isto é tradicional na historia dos arbitros e das arbitragens. A primeira é sempre boa, como uma mulher que se tem pela primeira vez...

Depois... Tanto a mulher como o arbitro passam á categoria de *estupóres*.

Os juizes de campo dissidentes que

haviám ficado algo murchos nos domingos anteriores — voltaram a embandeirar em arco. No seu contentamento esqueceram-se até de que também em tempos lhes chamaram nomes feios...

Diz um jornal de Londres: «Na ultima viagem que Jack Dempsey fez a Nova York, um gatuno tentou roubar ao ex-campeão de box de todas as categorias a carteira, que continha 10 *dollars*. Dempsey, ao surpreender o larapio, pô-lo *knock-out* com um magnifico directo ao queixo.»

Ora vejam lá se é possível acreditar que Dempsey se tenha rebaixado a proporcionar um *knock-out* pela miséria de 10 *dollars*!

Henry Ford subsidia uma revista humoristica americana em que se fazem as mais curiosas *blagues* sobre os seus automoveis.

Dela extraímos este anuncio: «Vende-se automovel Ford, com

pneus novos, por 100 *dollars*. Só os pneus, 95 *dollars*.»

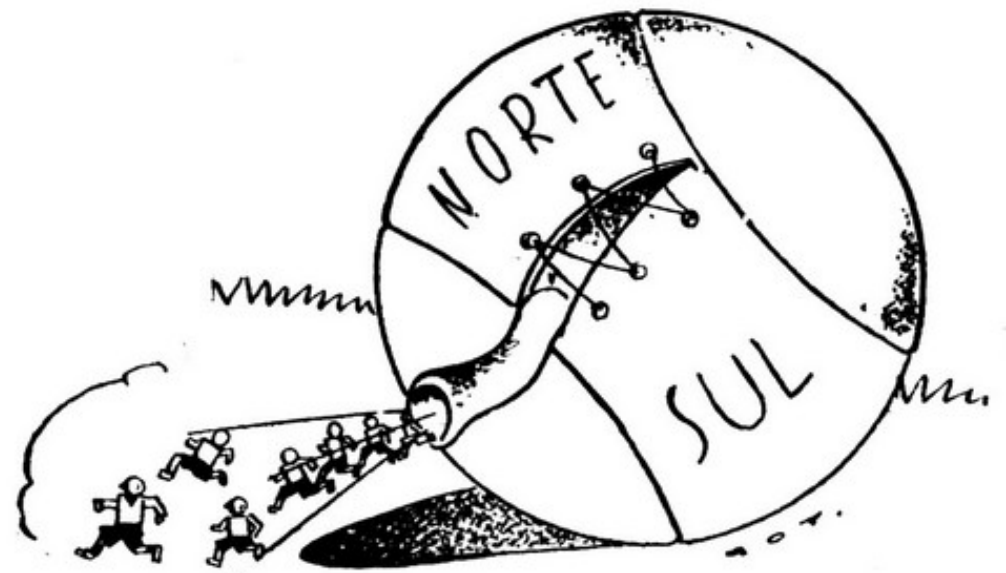
«Aproximamo-nos e tremiam os nossos labios. Apertei-a nos meus braços e todo o seu corpo estremeceu como debil arbusto batido pelo vento. Untaram-se os nossos labios e estremece-

voltas ao mundo antes que encontrasse um sitio para aterrar.»

Dizem que o nunca assaz celebrado Cruz Coelho se vai encontrar na America com o espanhol Paolino.

Ora o nunca assaz celebrado Cruz Coelho declarou em tempos que com-

O «team,, Nãosaíumal



Do norte-sul saiu um «team» nacional que pode ir a Sevilha sem nos envergonhar

mos e vibraram fortemente os nossos peitos.»

Moral do caso: — Não beije a sua namorada quando vá num Ford!

No ano 2.000: «Ontem á noite tive que dar seis

batia muito melhor depois de comer bem.

Como os medicos estão de acôrdo em que é prejudicial dormir depois de comer, o *Sempre Fixe* lembra a urgencia de se enviar um telegrama ao rapaz, aconselhando-o a não jantar no dia do encontro com Paolino...

Rebola-A-Bola.

WALDEMAR



O grande «az» do Porto

A APITOLANDIA

No tempo em que a moirama andava á solta, uns tipos dos confins do Oriente, quiseram-se tornar independentes, e soltaram o grito da revolta.

«Apitos» era o nome dessa malta, e a «Apitolandia» queriam já formar. Recusaram-se então a apitar, julgando que faziam muita falta.

Mas o rei que era um tipo muito esperto, e tendo aquele joguinho descoberto, poz uns outros mancebos no «Apito».

Os homens apitaram na prumada. O povo riu-se imenso da piada. E a tal «Apitolandia» foi um mito.

ZÉ MARIA.

ECOS DA SEMANA



VÃO DANÇAR TREMEIQUES NOS ARRAIAIS ESCOTISTAS COM A CHEGADA A LISBOA DO SIR BAKING POWER (E ON FUNDIR COM BADEM POWEL)

NUM RASGO DE FILANTROPIA A CARRIS RESOLVEU A FALTA DAS CARREIRAS DO POVO, PERMITINDO O ENGAJE DE CAIXOTES COM RODAS AOS SEUS CARRIS.

BEM HAJA!

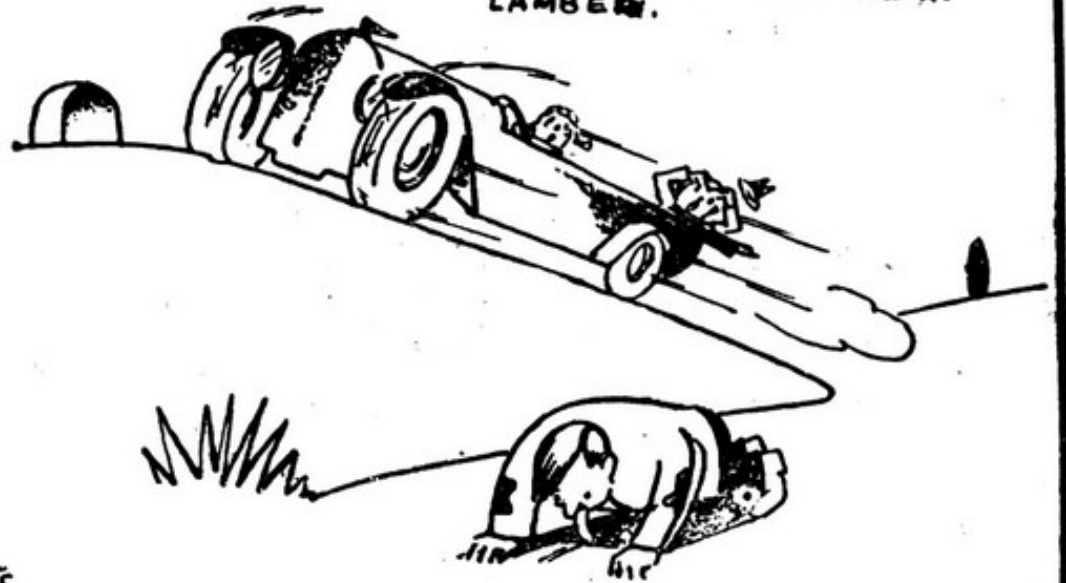


GRACAS A JUNTA AUTONOMA JA' HA BOMAS ESTRADAS EM PORTUGAL. ALGUMAS DELAS SAO TAO LISINHAS QUE ATE APETECE SER ATROPELADO SO PARA SE TER O PRAZER DE AS LAMBER.

O AGENTE CUSTO-



DIO DAS DORES FOI AGRACIADO COM O TITULO "FIEIS DE DEUS" PELA "WORLD ASSOCIATION OF DETECTIVES" DE CHICAGO



JACQUES THIBAUD O GRANDE VIOLINISTA FRANCÊS

QUE ARREBATOU A PLATEIA DO TIVOLI COM O POEMA DE "CHAUSSON" E O SEU BELO ACOMPANHADOR MAESTRO GEORGES LAUSNAY.



+ VAMOS TER UM AERODROMO + CONSTA QUE O D. JOSE VAI SER TRANSPORTADO A REBOQUE PARA O HIPODROMO DE PALHAVA, FICANDO O TERREIRO DO PAÇO APTO A RECEBER AVIOES DE TODAS AS TONELAGENS

